



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

DAGMAR ALAÍDE DE LIRA FERREIRA

TECENDO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: contribuições educativas de Aurília
Breckenfeld Dantas para a educação são-joanense

CAJAZEIRAS - PB
2022

DAGMAR ALAÍDE DE LIRA FERREIRA

**TECENDO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: contribuições educativas de Aurília
Breckenfeld Dantas para a educação são-joanense**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande-Campus Cajazeiras-PB, como requisitos para obtenção de título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Me. Rozilene Lopes de Sousa

CAJAZEIRAS - PB
2022

F383t Ferreira, Dagmar Alaíde de Lira.
Tecendo histórias e memórias: contribuições educativas de Aurília Breckenfeld Dantas para a educação são-joanense / Dagmar Alaíde de Lira Ferreira. - Cajazeiras, 2021.
63f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rozilene Lopes de Sousa.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2021.

1. Educação. 2. Historiografia local. 3. Práticas educativas. 4. Dantas, Aurília Breckenfeld. I. Sousa, RozileneLopes de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

DAGMAR ALAÍDE DE LIRA FERREIRA

TECENDO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: contribuições educativas de Aurília Breckenfeld Dantas para a educação são-joanense

Aprovada em 29/03/2022

BANCA EXAMINADORA

Rozilene Lopes de Sousa Alves

Profa. Ma Rozilene Lopes de Sousa Alves
(UAE/CFP/UFCG - Orientadora)

Viviane Guidotti Machado

Profa. Dra Viviane Guidotti Machado
(UAE/CFP/UFCG- Examinador)

Edinaura Almeida de Araujo

Profa. Dra. Edinaura Almeida de Araujo
(UAE/CFP/UFCG- Examinadora)

Hercília Maria Fernandes

Profa. Dra. Hercilia Maria Fernandes
(UAE/CFP/UFCG- Suplente)

Dedico esta monografia especialmente a meu irmão Elifran Ferreira (*in memoriam*). Homem íntegro, que com apenas sua leitura de mundo, trilhou o caminho da honestidade e perseverança.

AGRADECIMENTOS

Em especial:

A Deus que em sua infinita misericórdia permanece comigo em todos os momentos da minha vida. Toda honra e toda glória sejam elevadas a te SENHOR.

A Maria Alaíde e Antônio Ferreira por me concederem a minha existência. Obrigada mãe, por aquelas palavras que ainda guardo em minha memória: “VAI QUE AINDA DÁ TEMPO”.

A João Augusto e Maíra Júlia, fonte de minha perseverança e superação. Meus filhos, perdoem-me pelos momentos roubados. Principalmente Maíra, por ser tão pequena ainda na época que iniciei o curso. Saibam que é por vocês, meus maiores bens, que tento superar todos os desafios.

A meu esposo Bozano, companheiro de uma vida. Que no silêncio da palavra e na sintonia do olhar, sempre torceu por mim. Obrigada pela paciência e companheirismo.

A minha irmã Girlene, pelos quilômetros a mais alcançados no momento de realizar minha matrícula na UFCG.

Com carinho:

A Prof.^a Doutoranda Rozilene Lopes de Sousa, orientadora deste trabalho, pelo acolhimento e parceria no desenvolvimento desta pesquisa.

A turma 2017.1 do curso de Pedagogia. Especialmente a: Maria Juciana, Mariana, Bruno, Flávia, Francisco José, Marquiciene, Anderson e Ismael, pela parceria nos trabalhos acadêmicos e por estarem presentes nos momentos que tanto necessitei.

A Prof.^a. Dr.^a. Débia Suênia pela oportunidade em participar do projeto de Pesquisa em História da Educação, e ter me proporcionado o encantamento por este campo de estudo.

A Prof.^a. Dr.^a. Viviane Guidotti Machado, pelas palavras de confiança e incentivo nos momentos de angústias.

A Prof.^a. Dr.^a. Edinaura Almeida, pelo incentivo e participação na banca avaliadora contribuindo para o melhoramento deste trabalho.

Aos colaboradores que tiveram vivências com o objeto de estudo desta pesquisa, e me concederam entrevista, sem a colaboração dessas pessoas seria inviável o desenvolvimento desse trabalho.

Aos pesquisadores são-joanenses que através de seus estudos, foi possível identificar indícios da história da educação de São João do Rio do Peixe.

A família Breckenfeld, em nome da advogada Paloma Breckenfeld por permitir o estudo sobre sua tia avó, objeto de estudo desta pesquisa e contribuir com algumas fontes documentais.

A Paula Estrela, filha adotiva de Aurília, por disponibilizar os documentos pessoais do objeto de estudo, que foram de imensa valia.

Ao professor Rivaldo Amador de Sousa pelo envio também de fontes documentais.

Agradeço a mim mesma, pela fé e perseverança, mesmo há doze anos distante do ambiente escolar e ingressar em uma Universidade pública e concluir um curso superior é motivo de orgulho e superação.

Enfim, a todos/as que diretamente e indiretamente contribuíram para com minha formação e que fosse possível a realização desse trabalho.

Meu muito obrigada!

[...] no que se refere às mulheres, esta vontade foi por muito tempo inexistente. Escrever a história das mulheres supõe que elas sejam levadas a sério, que se dê à relação entre os sexos um peso, ainda que relativo, nos acontecimentos ou na evolução da sociedade. [...]
(PERROT, 2005, p.14)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Certificado do curso primário.....	29
Figura 2 - Grupo Escolar Joaquim Távora.....	30
Figura 3 - E.E.E.F. Professora Frassinete Bernardo	30
Figura 4 - Diário de classe.....	34
Figura 5 - Certificado do curso de datilografia de aluno.....	35
Figura 6 - Placa dos concluintes da Escola Profissional Odília Leal.....	35
Figura 7 - Certificado do curso de datilografia	36
Figura 8 - Curso de capacitação ao ginásial.....	37
Figura 9 - Diploma de regente do Ensino Primário	37
Figura 10 - Diploma de conclusão de curso do ensino Superior.....	38
Figura 11 - Certificado de participação na I Semana Universitária de Antenor Navarro.....	40
Figura 12 - Foto de participação da IX Semana Universitária de Antenor Navarro...	40
Figura 13 - Festa de aniversário no Colégio Ministro José Américo de Almeida	47
Figura 14 - Coral Estudantil São-joanense	48
Figura 15 - Visita das educadoras Leila e Frassinete Amador na residência de Aurília	49
Figura 16 - E.E.E.F.M. Ministro José Américo de Almeida	50
Figura 17 - Biblioteca Escolar Aurília Breckenfeld Dantas.....	50
Figura 18 - E.M.E.I. Professora Aurília Breckenfeld Dantas.....	51
Figura 19 - Projeto de Lei de criação da E.M.E.I. Prof ^a Aurília Breckenfeld Dantas.	51

LISTA DE SIGLAS

AUAN - Associação Universitária de Antenor Navarro

EBC - Empresa Brasil de Comunicações

MEB - Movimento de Educação de Base

NHC - Nova História Cultural

PB - Paraíba

PMR - Projeto Minerva via Rádio

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

RESUMO

O presente estudo objetivou investigar a história de vida de Aurília Breckenfeld Dantas, notadamente sobre as memórias de suas práticas educativas, que compreende o período de 1946 a 1986, que discorre da sua atuação docente no município de São João do Rio do Peixe no interior da Paraíba. Como questão problematizadora de pesquisa este estudo se desenvolveu a partir da seguinte temática: Quais as contribuições de Aurília Breckenfeld Dantas para a educação de São João do Rio do Peixe-PB? O estudo teve aporte teórico principalmente em: Perrot(2007), Louro (1997; 2004), Almeida (1998), Lopes; Galvão (2001). Esta pesquisa insere-se no campo da abordagem teórico-metodológico do método biográfico que é possível descrever acontecimentos não apenas de forma linear, mas com ênfase em situações mais relevantes do sujeito biografado. A educadora Aurília Breckenfeld Dantas dedicou décadas a educação são-joanense, formando várias gerações. Articulada ao exercício da docência, construiu sua formação, ascendeu o nível primário, condição que ingressou no magistério, à Pós-graduada. Através de suas práticas docentes engajou-se na construção de valores, e formação do alunado. No Colégio Ministro José Américo de Almeida, desenvolveu com dedicação a função de gestora, que colaborou significativamente tanto na melhoria da instituição como no processo de aprendizado dos educandos.

Palavras-chave: Mulher e educação. Práticas educativas. Historiografia Local.

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the life story of Aurília Breckenfeld Dantas, notably on the memories of her educational practices, which comprises the period from 1946 to 1986, which discusses her teaching activities in the municipality of São João do Rio do Peixe in the countryside of Paraíba. As a problematizing research question, this study was developed from the following theme: What are the contributions of Aurília Breckenfeld Dantas for the education of São João do Rio do Peixe-PB? The study had a theoretical contribution mainly in: Perrot (2007), Louro (1997; 2004), Almeida (1998), Lopes; Galvão (2001). This survey is part of the field of theoretical- methodological approach of the biographical method that is possible to describe the events, not only in a linear way, but with emphasis on the most relevant situations of the subject biographed. For data collection, were used semi-structured interviews and documentary sources on the object of study. Educator Aurília Breckenfeld Dantas dedicate decades to são-joanense's education, educating several generations. Articulated to the exercise of teaching, has built her own education, ascended from the primary level, condition that entered in mastership, to postgraduate. Through her teaching practices, was committed in construction of values, and student training. At the Ministro José Américo de Almeida's college, developed the role of manager with dedication, which collaborated significantly, with the improvement of the institution and the educational process of the students as well.

KEYWORDS: Woman and education. educational practices. Local historiography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A MULHER NA HISTÓRIA: LUTAS E CONQUISTAS	13
1.2 Mulher e Educação: ingresso a profissão docente	17
2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	24
2.1 Caracterização da Pesquisa.....	24
2.2 O lócus da Pesquisa e os Sujeitos participantes	25
2.3 Instrumentos de Pesquisa	25
2.4 Procedimentos Éticos.....	27
3 TRAJETÓRIA EDUCATIVA DE AURÍLIA BRECKENFELD DANTAS EM SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE	28
3.1 Ingresso ao magistério: professora primária.....	32
3.2 Formação docente de Aurília Breckenfeld Dantas	36
3.3 Dona Aurília, professora do Joaquim Távora e gestora do Colégio Ministro José Américo de Almeida	41
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICES	57

1 INTRODUÇÃO

A História da Educação é o campo de pesquisa que nas últimas décadas tem propiciado aos pesquisadores o estudo de inúmeras temáticas, são múltiplas as possibilidades, ampliando-se a investigação de novos objetos e fontes. A evolução e o retrocesso do processo educativo, utilizando-se de leis, e grandes pensadores, não são os únicos contemplados pelo novo modelo de se fazer história. Tal visibilidade é possível a partir da Nova História Cultural, que valoriza novos sujeitos e fontes, revolucionando o campo de pesquisa da História da Educação (Lopes; Galvão, 2001). A partir da NHC é possível romper com o modelo tradicional de se fazer história, entram em cena sujeitos e fenômenos esquecidos pela história tradicional.

O presente estudo objetivou investigar a história de vida de Aurília Breckenfeld Dantas, notadamente sobre as memórias de suas práticas educativas, que compreende o período de 1946 a 1986, que discorre da sua atuação docente no município de São João do Rio do Peixe no interior da Paraíba. Sendo assim, o estudo se desenvolveu a partir da seguinte temática: Quais as contribuições de Aurília Breckenfeld Dantas para a educação de São João do Rio do Peixe-PB?

Teve como objetivo geral investigar as contribuições de Aurília Breckenfeld Dantas para a educação de São João do Rio do Peixe-PB. E como objetivos específicos discutir o processo de lutas e conquistas das mulheres ao longo da história; descrever a memória da trajetória educativa de Aurília Breckenfeld Dantas e analisar como eram desenvolvidas suas práticas educativas na docência e gestão das escolas que atuou.

O interesse por esse tema de pesquisa, advém inicialmente a partir de estudos realizados na disciplina de História da Educação II, na qual foi possível realizar trabalhos que contemplassem a visibilidade de mulheres professoras. Depois, por participar como aluna voluntária de dois projetos de Iniciação Científica, nos quais tive a oportunidade de praticar várias leituras e escrever alguns artigos voltados para este tema de estudo.

A pesquisa se constitui relevante na perspectiva de oferecer visibilidade à trajetória educativa de uma mulher nunca antes pesquisada que dedicou décadas de sua vida ao magistério. Além do mais, contribuirá com a historiografia local do Município, pois é notável a ausência de trabalhos em História da Educação e principalmente de memórias de mulheres professoras, além do mais, corroborar com

a ampliação do conhecimento, e ainda como fonte para estudos posteriores nesse campo de pesquisa.

Em sua estrutura, esta monografia, está dividida em: Introdução, com os objetivos geral e específicos, a justificativa descrevendo o interesse pela área de pesquisa e a relevância do estudo. Depois temos o referencial teórico intitulado. “A mulher na história: Lutas e Conquistas”, no qual discute-se o processo de lutas e conquistas das mulheres ao longo da história, bem como a discussão de inserção das mulheres à profissão docente.

Posteriormente, temos a base metodológica, sob o subtítulo “Pressupostos metodológicos”, no qual é detalhado o percurso da pesquisa, caracterizando-a quanto a natureza, abordagem, objetivos e o tipo, além de especificar o local de coleta de dados e sujeitos participantes que colaboraram com o estudo.

Por conseguinte, temos a análise de dados em que buscou-se descrever a memória da trajetória educativa de Aurília Breckenfeld Dantas em São João do Rio do Peixe-PB, evidenciando as instituições escolares que ela atuou no município, e o processo formativo que a educadora foi constituindo no decorrer de sua vida. Além do mais, temos o relato de sujeitos que tiveram vivências com a educadora, que relatam suas práticas educativas como professora do antigo Grupo Escolar Joaquim Távora e gestora do Colégio Ministro José Américo de Almeida.

Para concluir, a educadora Aurília Breckenfeld Dantas, contribuiu significativamente no processo educativo do município de São João do Rio do Peixe-PB, dedicou décadas de sua vida ao magistério. Através de suas práticas, foi comprometida com a construção de valores, e a formação do alunado, que se reflete positivamente na sociedade. Além de ser uma profissional dedicada com a ampliação de sua formação docente.

1 A MULHER NA HISTÓRIA: LUTAS E CONQUISTAS

Segundo Perrot (2007), a historiografia excluiu por muito tempo a visibilidade feminina, de início, porque as mulheres estavam confinadas no íntimo de seus lares, espaço considerado ideal para elas. A autora destaca que “[...] as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que por muito tempo, merecia destaque”. (PERROT, 2007, p. 16)

A história priorizava os fatos relacionados ao setor público, espaço predominantemente exercido pelo sexo masculino. Vale ressaltar que os relatos eram voltados para os homens admiráveis, considerados “vencedores”. Enquanto os chamados “vencidos” eram deixados à margem da história, ou seja, os sujeitos simples que trabalharam e contribuíram ao fazer histórico eram esquecidos pelo modelo tradicional de se fazer história. Sobre isso, a autora ainda destaca que:

as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre ela que o silêncio pesa mais. (PERROT, 2007, p.16)

Nesse sentido, compreende-se que as mulheres por não terem acesso ao espaço público e serem destinadas à maternidade não eram consideradas sujeitos participantes da história, ou seja, não eram reconhecidas como seres que construíam história. Elas sempre participaram da história, em seus âmbitos privados, no íntimo de seus lares, desenvolviam atividades e contribuíram significativamente com o desenvolvimento social. Mas, nessa exclusão de reconhecimento, elas não estão sozinhas, com elas também estão os sujeitos considerados à margem da sociedade. Pessoas simples que com esforço e dedicação modificam e constroem novas possibilidades. Mas o silêncio mais profundo apresentava-se sobre o relato de suas histórias, assim nos diz Perrot (2007).

Sobre isso, Tedeschi (2012), diz que:

[...] nos espaços sociais dessas narrativas oficiais, também existiu um lugar, um outro espaço, dentro do hegemônico, e esse é o da História das Mulheres. Existiu nas profundezas do confinamento do

pensamento, dentro dos muros mais sólidos, e talvez, mais intocáveis, num território marcado pela exclusão das capacidades do humano. Essa parcela (mais da metade da humanidade) miserável e confinada, nem sequer foi constituidora da memória. Esse longo processo histórico foi marcado pela desmemorização [...] (TEDESCHI, 2012 p.13)

Portanto, entende-se que mesmo não sendo relatadas suas histórias, estas existiam, mesmo confinadas no espaço privado movido ao esquecimento, e com elas, estão outros sujeitos que são excluídos da memória de um determinado tempo.

Desse modo, como essa invisibilidade foi excluída, sendo possível relatar histórias de outros sujeitos? Para Perrot (2007), a escola dos Annales, criada por Lucien Febvre e Marc Bloch na França e propagando-se em outros países inclusive no Brasil, contribuiu significativamente para o reconhecimento de novos sujeitos. A partir de então, os fatores políticos não são os únicos valorizados, havendo assim, estudos voltados aos aspectos sociais, econômicos e culturais da sociedade, ampliando-se novos objetos e fontes de estudo. Denominando-se de Nova História Cultural. Tedeschi (2012, p.13) afirma que a NHC:

começou a se interessar por variados aspectos da atividade humana, abandonando a preocupação exclusiva com o estudo de grandes homens, estadistas, generais e passando a dedicar-se à “história dos de baixo”, ou seja, daqueles que até então não tinham história; foi aberto o caminho para a posterior inclusão das mulheres nos estudos históricos.

Desta forma, a partir da NHC ampliam-se as possibilidades de pesquisa e surgem inúmeros objetos de estudos, entram em cena elementos desconsiderados anteriormente, mas que a partir de então, ganham valorização e possibilitam o estudo não apenas da história tradicional ou de um grupo hegemônico constituído do sexo masculino, mas uma nova história que contemplese ambos, minimizando a desigualdade existente.

Para Perrot (2007), três fatores contribuíram para o reconhecimento da mulher como objeto de estudo, foram eles, científico: iniciando por volta de 1960, na Grã-Bretanha, Estados Unidos, e na França em 1970 há articulação da história com a antropologia que redescobre a família, com estudos sobre natalidade, idade de adquirir matrimônio, e da mortalidade:

pelo viés da família imiscuíam-se outros personagens: as crianças, os jovens, outros questionamentos, as idades da vida, a dimensão da vida privada (...) na qual as mulheres estavam necessariamente presentes. (PERROT, 2007, p. 20).

Portanto, a partir de estudos direcionados a elementos e situações que estavam diretamente articulados às mulheres, há o favorecimento de contribuições significativas para o reconhecimento delas.

Sociológicos: há um número considerável de mulheres ingressantes nas Universidades, e estas são estudantes e professoras que ganham espaço e assumem um percentual considerável de professores efetivos. Além destes, há os fatores políticos: a partir de 1970 surgem movimentos no campo epistemológico, envolvendo questionamentos em relação ao conhecimento predominante. Estes movimentos tiveram destaque e afetaram o campo social. Perrot (2007)

Nesse sentido, esses fatores contribuíram significativamente para que as mulheres se tornassem visíveis, a história se articula com outros campos de estudos e as próprias mulheres colaboraram ao acesso ao conhecimento.

Em se tratando de reivindicações em relação à inclusão de direitos femininos, Louro (1997) destaca que se iniciam desde o final do século XIX no Ocidente. As manifestações eram voltadas para a exigência de as mulheres terem acesso ao voto, chamado de “sufragismo”. A partir do final de 1960 estes movimentos retomam, reivindicando não apenas o acesso a questões voltadas ao âmbito social e político. Mas surgem discussões voltadas para o campo teórico, no qual se discute a questão de gênero:

militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e "contaminando" o seu fazer intelectual — como estudiosas, docentes, pesquisadoras — com a paixão política. Surgem os estudos da mulher. (LOURO, 1997, p. 15).

Portanto, compreende-se que a luta por igualdade de gêneros advém de um longo período, e que esta, contribuiu significativamente em prol do reconhecimento, visibilizando aquelas que por um longo percurso foram excluídas não apenas da historiografia, mas também de vastos espaços.

As próprias mulheres contribuíram para que essa conquista fosse possível, ao ocuparem espaços e usá-los como mecanismos de demonstrarem suas capacidades

tanto contestadas. Inicialmente, por reivindicarem o acesso ao voto, conquista alcançada apenas a partir da década de 30 do século XX, segundo por romper o discurso de que seriam seres destinados apenas à maternidade. Almeida (1998).

As mulheres instruídas, conhecedoras do poder que a educação formal oferece, usa-o como ferramenta de poder e se alia aos meios como forma de expandir à sociedade todas suas reivindicações em prol da coletividade feminina. “Para isso, a contribuição da imprensa feminina foi decisiva e as mulheres instruídas aproveitaram esse espaço aberto no mundo das letras para se fazer ouvir e expor uma nova maneira de pensar”. (ALMEIDA,1998, p. 27)

Os movimentos feministas contestam a igualdade nos âmbitos: familiar, religioso e educacional. Sendo assim, "foi uma luta que se espalhou por diversos campos e se fez de muitas formas". (Lopes; Galvão, 2001, p. 68). Nesse sentido, as mulheres revolucionam, não aceitam serem inferiorizadas, questionam seus direitos, não aceitam serem inferiorizadas e reivindicam condições igualitárias. Consequentemente são notáveis e inserem-se em espaços e profissões que há um século anterior eram permitidas unicamente por homens. Além disso, elas “fizeram literatura, publicaram seus diários íntimos”. (Lopes; Galvão, 2001 p. 68).

Nesse sentido, o empoderamento feminino entra em cena, elas também se encorajam em prol de demonstrarem elementos íntimos, explicitando o que anteriormente era considerado proibido. O movimento feminista foi de grande relevância em relação ao reconhecimento do gênero feminino, trouxe à tona reivindicações e conquistas favoráveis as mulheres.

O movimento feminista causou efeitos e possibilitou visibilidade em campos de estudos, inclusive na História da Educação, segundo Lopes e Galvão (2001, p. 68):

o sexismo, imperante na historiografia de até meados do século XX, foi aos poucos sendo substituído pela exigência de que se deveria fazer história levando em conta os sexos. A História da Educação também aceitou esta constatação e esse desafio.

Sendo assim, gradativamente a discriminação sexual, existente na escrita da História da Educação encaminha-se para a valorização de se escrever não somente uma história masculina, mas também feminina. Havendo assim, a valorização e reconhecimento de suas narrativas.

A História da Educação, que outrora estudava o processo educativo de maneira linear através de legislações e grandes pensadores, renova-se alargando os objetos e fontes, possibilitando o estudo de inúmeras temáticas. A Nova História e a corrente marxista são responsáveis por tal evolução, pois elas influenciaram significativamente para a valorização de novos estudos relacionados ao âmbito educacional. Surgindo e ampliando grupos de estudos e pesquisas voltados para esta temática. Sendo assim, há valorização de outros temas como: alunos, livros didáticos, cotidiano escolar, disciplinas, professores, professoras e etc. Lopes; Galvão (2001)

Desse modo, compreende-se que a visibilidade da historiografia feminina se desenvolveu em uma ampla trajetória de fatores, situações e reivindicações, sejam nos âmbitos social e político e que teve como principais protagonistas as próprias mulheres que não aceitaram serem inferiorizadas em relação ao sexo masculino. “Sem o movimento das mulheres, sem a resistência de algumas e o desafio que lançaram a sociedade, tais resultados demorariam para serem implantados”. (ALMEIDA, 1988, p.28). Dessa forma, entende-se a relevância que estas mulheres pioneiras ofereceram à sociedade e como tais reivindicações causaram efeitos, assumindo assim, suas habilidades tanto contestadas e ingressando em profissões que anteriormente eram consideradas apenas privilégio dos homens, vale ressaltar que estas mulheres continham o poder do conhecimento, bem destacado anteriormente.

Apesar de todas as transformações advindas de diversos fatores, sejam eles oriundos da ciência, e das mudanças ocorridas devido à expansão industrial e tecnológica, o protagonismo feminino foi essencial para o avanço de tantas conquistas.

1.1 Mulher e Educação: ingresso à profissão docente

Ao longo da discussão das autoras Lopes; Galvão (2001), Louro (1997), Perrot (2007), é compreensível que as mulheres tiveram todo um processo de luta, reivindicação e organização, e a partir disso, foi possível a conquista de direitos anteriormente excluídos. Dentre esses direitos, podemos citar o acesso à educação.

Desde a infância, segundo Louro (2004), a menina era preparada para o exercício de funções domésticas, o matrimônio e a maternidade. Aprendia desde cedo, que o privado era seu espaço. As filhas de pais que tinham condições

financeiras favoráveis, eram educadas em suas próprias casas por professoras particulares ou em colégios religiosos.

A autora destaca ainda que, o ensino era voltado à aprendizagem da leitura, escrita e noções de matemática. Além das práticas domésticas, pintura, bordado e etc. Enquanto isso, as meninas oriundas de famílias empobrecidas auxiliavam nos afazeres domésticos, cuidavam dos irmãos e ajudavam os pais em trabalhos agrícolas.

No que se refere à educação formal, esta ocorreu em um processo lento, segundo Monteiro e Gati (2012), no Brasil é a partir do século XIX, que se pensa em oferecer o ensino às meninas. Em 1827 se elabora a primeira lei brasileira de instrução pública, que deixava explícito que a educação feminina deveria ser desenvolvida como forma de educar os homens, pois as mulheres seriam suas primeiras professoras. Elas deveriam instruí-los para serem cidadãos honestos, conforme os padrões da época.

Sobre isso, Louro (2004, p. 447) argumenta que:

a educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, para que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos.

Conforme diz a autora, a partir de então, o direito ao mundo letrado é concedido a mulher, mas ao mesmo tempo restrito à educação dos filhos, ou seja, ela seria educada não para se própria, em prol de sua aprendizagem, aquisição de conhecimentos e desenvolvimento pessoal, mas ao atendimento às necessidades da sociedade, formando trabalhadores e trabalhadoras aptos a cumprirem deveres a eles atribuídos, contribuindo assim, com o desenvolvimento social.

Ainda conforme Louro (2004), o século XIX é cenário de transformações, advindas de um novo modelo de sociedade, há ampliação da urbanização e industrialização, deixando ao passado o modelo feudal. A partir de tais mudanças, há preocupação em alavancar a educação brasileira, que até então estava desorganizada. O sistema educacional era muito precário, poucas eram as escolas existentes, a maior parte eram destinadas aos meninos e organizadas por instituições religiosas.

Os educadores eram responsáveis em ensinar os alunos a ler, escrever, contar, além dos princípios religiosos para ambos os sexos. Louro (2004). Vale ressaltar que o ensino era distinto: havia a segregação dos sexos, meninos estudavam com professores e meninas com professoras. Os educadores deveriam ser de bom caráter e suas tarefas, não eram, contudo, as mesmas. “Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais as doutrinas cristãs [...] mas algumas distinções apareciam: para os meninos noções de geometria; para as meninas, bordado e costura”. (LOURO, 2004, p.444).

É neste contexto de mudanças, ocorridas no final do século XIX, que a instrução feminina se desenvolve, mesmo sendo inferior à masculina. Às meninas, restavam os estudos voltados ao mínimo de saberes sistematizados. Os saberes domésticos eram essenciais, pois as mulheres eram compreendidas como seres ideais ao espaço privado. “Na opinião de muitos, não havia porque *mobilizar* a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial- como esposa e mãe- exigiria acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios.” (LOURO, 2004, p. 446). Entende-se que o discurso propagado minimizava a capacidade cognitiva da mulher, difundindo ideias de que a ela não precisaria de tais conhecimentos, pois seu espaço seria os dons maternos, o cuidado do lar, e a submissão aos hábitos e regras impostos por grupos sociais da época.

Após meados do século XIX, há preocupação em se criar escolas normais para a formação docente, sobre isso Oliveira (2017, p. 4) menciona que:

esse procedimento fez com que se investisse na criação de cursos preparatórios de formação representados pelas escolas normais, em seguimento a uma tendência que já havia se manifestado no final dos oitocentos (1876), quando se criou em São Paulo, no seminário das educandas, uma escola normal destinada a dar instruções e habilitar as órfãs e as outras jovens que demonstrassem interesse em se tornarem professoras.

Nesta conjuntura, as mulheres ingressam à profissão docente, iniciando os estudos em escolas normais que as formavam para lecionar o ensino primário, vale ressaltar que este ensino era voltado à leitura, escrita, e o cuidar. Elas instruía as meninas ao exercício de práticas domésticas, como: bordar, pintar, cozinhar e etc. e que estas, seriam qualidades que elas deveriam desenvolver para futuramente serem utilizadas no matrimônio.

Louro (2004) discute que as escolas normais foram implantadas com objetivo de formar moças e rapazes. Vale ressaltar que o exercício ao magistério foi exercido inicialmente por homens, tanto no Brasil como em outras sociedades, na região brasileira iniciou-se o processo de escolarização por jesuítas no período de 1549 e 1759, posteriormente, o número de professores eram bem maiores, assumidos por homens que lecionam por conta própria.

Com o passar dos tempos as escolas normais atendem o número bem maior de estudantes do sexo feminino, e há minimização do sexo oposto, ou seja, os homens ingressam em outras profissões, devido a expansão da industrialização e o surgimento de novas oportunidades, e exercem cargos de chefias, diferentemente das mulheres que estavam abitas a obedecerem a regras e padrões. Oliveira (2017). Restando-lhes o magistério, pois era a profissão aceita parcialmente pela sociedade da época e ao mesmo tempo, criticada por membros da sociedade. Sendo motivo de discussões, contestavam-se a capacidade cognitiva da mulher, alegando que ela não teria capacidade de instruir as crianças. Um destes pensadores era Tito Lívio de Castro, argumentava que a instrução exercida pela mulher era um “mal, um perigo, uma irreflexão desastrosa”. (LOURO, 2004, p. 450). Enquanto outros acreditavam que essa seria a profissão ideal, pois a mulher teria o dom de cuidar, ela teria por natureza os dons maternos, e o magistério seria a extensão da maternidade, entendendo o trabalho docente como uma vocação.

A partir de meados do século XX, segundo Oliveira (2017), há ampliação do número de escolas, e são procuradas por um número maior de jovens mulheres, havendo assim, a feminização do magistério. Elas têm aula de Geografia, História, Música, e etc., e prendas domésticas.

Essa educação, em nível médio e com um objetivo definido sem mais delongas, deveria bastar, e as jovens brasileiras cresceriam com o destino profetizado de serem esposas, mães e, em caso de necessidade, professoras. (OLIVEIRA, 2017, p. 5)

A partir do que foi exposto acima, compreende-se que o magistério desde sua implantação foi a profissão que oportunizou a mulher uma certa independência financeira e também meio dela inserir-se no espaço privado, pois era uma maneira dela sair do lar e ter acesso ao trabalho remunerado. Com o passar dos tempos a formação docente vai adquirindo novas características, mas estava sempre atrelada

ao espaço privado, articulada com os afazeres domésticos, o casamento, a maternidade e os dons vocacionais que estavam interligadas ao sexo feminino.

Segundo Del Priore (2004), as professoras das primeiras décadas do século XX teriam todos os atributos necessários à educação das crianças do ensino primário. Educar, cuidar, repassar os princípios morais e religiosos, ou seja, elas exerciam funções de segunda mãe. Além de ensinar a ler e escrever, repassar os conhecimentos sistematizados, deveriam também oferecer instruções de boa conduta, educavam bem mais do que instruíam.

A fragilidade feminina, constituída pelo discurso religioso, médico, jurídico e educacional é também constituinte de sua proteção e tutela. A professora terá de ser produzida, então, em meio a aparentes paradoxos, já que ela deve ser, ao mesmo tempo, dirigida e dirigente, profissional e mãe espiritual, disciplinada e disciplinadora. (LOURO, 2004, p. 454).

Nesse contexto, a profissão docente se configura como um trabalho mais voltado ao vocacional, as professoras apresentam-se como seres frágeis e dóceis. Esquece assim, a profissionalização, excluindo a valorização profissional, ou seja, não se leva em consideração o trabalho, mas apenas o cuidado que elas teriam com as crianças. Ser professora do ensino primário se constituía em ser obediente, ter um comportamento adequado, ensinar a ler, escrever, disciplinar as crianças. Amá-las e torná-las educadas, como se fossem seus filhos, e prepará-las para seguir as normas exigidas da sociedade, verdadeiros patriotas. Muitos discursos eram direcionados às professoras, eram objetos de poemas, músicas, orações, datas comemorativas... LOURO (1997). Como se a mulher professora tivesse virtudes divinas.

Várias são as representações constituídas em relação às professoras, em determinadas épocas: "solteironas ou "tias", como gentis normalistas, habilidosas alfabetizadoras, modelos de virtude, trabalhadoras da educação". (LOURO 1997, p.100). Dessa forma, compreende-se que o comportamento das professoras deveria ser "adequado", atendendo assim, aos padrões da época.

Em se tratando das mulheres solteironas, estas estavam destinadas a exercerem a função de professora, pois já que elas não tinham se realizado como mãe, teria essa oportunidade na sala de aula.

Por um largo tempo associou-se, então a professora com a solteirona, com a mulher que não conseguiu casar. Se o casamento e a

maternidade constituíam o destino "natural" e desejado para todas as mulheres, àquelas para as quais isso parecia de algum modo inalcançável, restaria se entregar a tarefas que tivessem uma analogia com tal missão. (LOURO, 1997, p. 104).

Desse modo, o magistério oferecia às mulheres uma realização que o matrimônio não podia oferecer, pois os filhos que não se podia conceder eram encontrados na escola. Se por um lado, enfrentavam preconceitos por não terem se realizado com o matrimônio e o dom da maternidade, ou seja, por não constituírem uma família. Por outro, o magistério era a profissão que lhes ofereciam uma certa liberdade. Elas teriam seu próprio salário, não dependiam do homem para sobreviver e ainda podiam ajudar seus parentes. Além disso, segundo Louro (2007) as solteironas teriam mais oportunidades de circular no espaço público, diferentemente das outras mulheres.

A partir do que foi discutido até o momento, compreende-se os estereótipos criados em relação às mulheres, acreditando que elas seriam seres incapazes de pensar, adquirirem conhecimentos e se tornarem sujeitos de transformação, contribuindo assim, com o desenvolvimento social. A elas, foi negado por tempo demais a instrução escolar. Em suas casas, no privado e no esquecimento, elas contribuíram de forma enriquecedora, seja na educação dos filhos, nos aconselhamentos com os maridos. No magistério, dedicavam e se entregavam à educação das crianças, repassando princípios religiosos, condutas, faziam função de segunda mãe.

Portanto, foi através destas educadoras do passado, enfrentando dificuldades, que temos a educação atual. É através da história da educação que encontramos vestígios de profissionais que se dedicaram para que pudéssemos ter a educação que temos atualmente.

Nesse sentido, entende-se a relevância de estudos que contemplem a visibilização e memória da mulher professora em uma época ainda difícil, mas marcada como cenário de muitas lutas e conquistas das mulheres.

Contudo, compreende-se a importância de suas práticas educativas exercidas em determinada época. "As primeiras mulheres, as pioneiras da educação que desafiaram estruturas de desigualdade social, que resistiram e acataram normatizações que as confiavam [...]" (ALMEIDA, 1998, p.22). Ainda usando as palavras da citada autora: "Resgatar essa presença das brumas do passado e dar-lhe

perpetuação por meio da obra escrita é a função do historiador”. (ALMEIDA, 1998, p. 22). É nesse entendimento, que se faz necessário um olhar em direção a História da Educação, tentando evidenciar sujeitos que outrora foram formadores de outros sujeitos e que com o passar do tempo, são esquecidos pelas novas gerações.

2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, é apresentado o caminho metodológico da pesquisa, caracterizando-a quanto a natureza, abordagem, objetivos e o tipo, especificando o local, a técnica que foi aplicada a coleta de dados, e os sujeitos que colaboraram com o estudo.

2.1 Caracterização da Pesquisa

A pesquisa teve como objeto de estudo a história de vida de Aurília Breckenfeld Dantas, notadamente sobre as memórias de suas práticas educativas. Nesse sentido, optamos pela pesquisa básica, que segundo (APPOLINÁRIO, 2011, p.146) tem por objetivo “o avanço do conhecimento científico, sem nenhuma preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem colhidos.”

Portanto, a pesquisa básica não necessita de intervenções do pesquisador, está organizada na finalidade de apenas ampliar o conhecimento científico. Caracteriza-se como exploratória e explicativa objetivando investigar as contribuições da professora Aurília Breckenfeld Dantas, para a educação de São João do Rio do Peixe no estado da Paraíba. Para Severino:

a pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade, ela é uma preparação para a pesquisa explicativa. (SEVERINO, 2016, p. 132)

Do ponto de vista da abordagem, a pesquisa apresenta-se como qualitativa que para Lüdke e André (1986, p.11) “[...] tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Diferentemente da pesquisa quantitativa, a abordagem qualitativa não requer a análise de forma quantificável, ou seja, não há o interesse em demonstração de quantidade.

Quanto ao método, o estudo constitui-se como biográfico, cujo [...] “objetivo é a formulação de hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa, ou modificar e clarificar os conceitos” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.171).

A partir do método biográfico é possível, descrever acontecimentos não apenas de forma linear, mas com ênfase em situações mais relevantes do sujeito biografado. Contudo, o trabalho seguirá a seguinte questão: **Quais as contribuições de Aurília Breckenfeld Dantas para a educação de São João do Rio do Peixe-PB?**

2.2 O lócus da Pesquisa e os Sujeitos participantes

A pesquisa foi realizada no município de São João do Rio do Peixe no estado da Paraíba. Teve a contribuição de dois sujeitos: uma ex-aluna de Aurília, época que a educadora exerceu o magistério no antigo Grupo Escolar Joaquim Távora e um funcionário egresso do Colégio Ministro José Américo de Almeida que atuou na época em que ela foi gestora da escola. As citadas instituições escolares estão localizadas no mesmo município.

Os dados foram coletados através de encontros realizados nas residências dos sujeitos, tomando todos os cuidados necessários. Atendendo os protocolos sanitários devido a pandemia causada pela COVID-19.

2.3 Instrumentos de Pesquisa

Para coleta de dados, utilizou-se entrevistas semiestruturadas e fontes documentais. Quanto à entrevista semiestruturada, esse instrumento oportuniza uma maior exploração de assuntos que serão estudados. Segundo Lüdke e André (1986, p. 34)

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza complexas e de escolhas nitidamente individuais.

Nessa perspectiva, a entrevista possibilita uma maior interação entre o pesquisador e entrevistado, não se limitando às respostas acabadas em si mesmas, mas mediante tais, há um leque de oportunidades e interpretações que serão exploradas e bem úteis ao pesquisador.

Para a entrevista semiestruturada foi elaborado dois roteiros: o roteiro de entrevista de alunos egressos da professora, que contém as questões básicas: identificação, organização das aulas, métodos usados, e aprendizado, e o roteiro de entrevista direcionado ao funcionário com as seguintes questões norteadoras: identificação, práticas de gestão escolar, ações desenvolvidas na escola, aprendizado.

Para a realização das entrevistas, foram marcadas datas via *WhatsApp* e por conseguinte marcado o horário de disponibilidade dos colaboradores. Cada entrevista teve a duração de uma hora. Após a gravação, foram transcritas na íntegra, analisadas e em seguida enviadas cópias via *WhatsApp* para os participantes. Os colaboradores tiveram seus nomes preservados, sendo criado nomes fictícios pela pesquisadora.

Já os documentos, são fontes de grande valia, oferecendo ao pesquisador informações que podem ser contempladas com outras técnicas. Lüdke e André (1986). As autoras ainda discutem que:

os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte natural de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo determinado contexto. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34)

Portanto, através dos documentos é possível afirmar as argumentações do pesquisador, além do mais, podem oferecer informações sobre momentos que se deseja descrever em determinada época ou lugar. Entende-se como uma fonte rica, que favorece ao pesquisador várias possibilidades. “Outra vantagem dos documentos é que eles são fontes não-reativa permitindo a obtenção de dados, quando o acesso ao sujeito é impraticável (pela sua morte, por exemplo)”. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34).

Para complementar as fontes orais, foram analisados alguns documentos, do objeto de estudo como: uma resumida biografia que foi disponibilizada pela gestora da Escola Municipal Aurília Breckenfeld Dantas, certificados de conclusão de cursos, disponibilizados por sua filha Paula Estrela, manuscritos que o sujeito da pesquisa descreve sua origem familiar, uma entrevista concedida ao professor são-joanense

Rivaldo Amador de Sousa, na qual ela relata as escolas que estudou e atuou no município de São João do Rio do Peixe e um diário de classe que foi disponibilizado pela gestora da Escola Frassinete Bernardo. Além disso, temos as fontes iconográficas que foram identificadas em livros, sites locais e em redes sociais de parentes de Aurília.

2.4 Procedimentos Éticos

Para a realização desta pesquisa foram utilizados como procedimentos éticos a resolução de nº 520/2016, que aborda os procedimentos éticos que devem ser utilizados em pesquisas desenvolvidas na área de ciências humanas. Garantindo aos entrevistados seus direitos e evitando possíveis problemas.

Além da resolução de nº 520/2016, foi usado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). O documento tem por objetivo nortear os participantes sobre o estudo, elencando os principais pontos, e nortear os sujeitos em relação à participação na pesquisa.

O documento oferece esclarecimentos sobre os eventuais riscos que podem ocorrer no decorrer da entrevista e total liberdade aos entrevistados, podendo estes, desistirem a qualquer momento do estudo. O mesmo ainda divulgará os dados da pesquisadora como: e-mail, telefone, endereço, com objetivo de manter um elo entre ambos.

É importante mencionar que os participantes receberam uma cópia do TCLE, e assinaram o documento, ficando outra cópia com a pesquisadora. Foi elaborada uma entrevista semiestruturada que ofereceu total liberdade aos participantes e a pesquisadora uma maior exploração e interpretação dos dados coletados. A entrevista foi gravada e em seguida transcrita na íntegra, sem nenhuma interrupção e socializada com os participantes da pesquisa.

3 TRAJETÓRIA EDUCATIVA DE AURÍLIA BRECKENFELD DANTAS EM SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE

Aurília Breckenfeld Dantas nasceu no sítio Graciosa, na propriedade de seus pais no dia 12 de junho de 1920 no município de São João do Rio do Peixe no estado da Paraíba, sendo filha de Joaquim Liberato Dantas e Cândida Breckenfeld Dantas conhecida como Baú. Faleceu no dia dezessete de outubro de 2015, aos noventa e cinco anos de idade, em sua residência, no citado município.

Nasci no Sítio Graciosa Município de São João do Rio do Peixe- PB, aos 12 dias do mês de junho, de 1920, Dia dos namorados, no Sítio graciosa onde nascemos eu, e meus irmãos, propriedade de meus pais Joaquim Liberato Dantas e Cândida Breckenfeld Dantas. Por parte de meu pai pertencemos a família Dantas Rothéa e por parte de minha mãe, pertencemos a família Breckenfeld de origem Alemã. Éramos 6 (erámos) digo irmãos, Aurília eu, primeira do casal e única de mulher. Depois de mim nasceram cinco homens. Peredígnio, Liberato, Antônio, Espedito e Francisco [...] (Aurília Breckenfeld Dantas 2010 ou 2011)

O sobrenome Dantas advém do pai de Aurília e Breckenfeld pertence a sua mãe. A família Breckenfeld se formou em São João do Rio do Peixe a partir do alemão Bento Joaquim Breckenfeld seu bisavô, que se casou com sua bisavó. Ele foi o primeiro vereador da cidade, era médico homeopata, fabricava e manipulava medicamentos.

Bento Joaquim Breckenfeld, foi o primeiro vereador. Um dos primeiros vereadores daqui. Ele era um médico homeopata. Aí, ele fabricava, ele manipulava remédios, aquelas pílulas. Aquelas coisas, não sabe? Ele manipulava e vendia em grosso, vendia nas casas, vendia. Aí, ele chegou aqui, aí se engraçou da minha bisavó. Se engraçou, aí casaram. Aí, deu essa origem: Bento Breckenfeld. (Aurília Breckenfeld Dantas, 2004)

Em 1934, aos 14 anos de idade, ela se desloca da zona rural para a cidade, a fim de estudar na casa do seu tio José Cândido Siqueira Dantas, 1º tabelião público da cidade, e de sua madrinha de crisma Ana Estrela Dantas (Donana).

Aurília aprendeu as primeiras letras inicialmente com sua mãe, posteriormente, já na cidade, ela estudou com o professor Anésio Leão. “eu estudei com o professor Anésio Leão. Anésio Leão era..., era um poeta, era professor. Ele fundou um colegozinho aqui. Nesse tempo não tinha colégio aqui. Aí, eu estudei com ele”. (Aurília Breckenfeld Dantas, 2004).

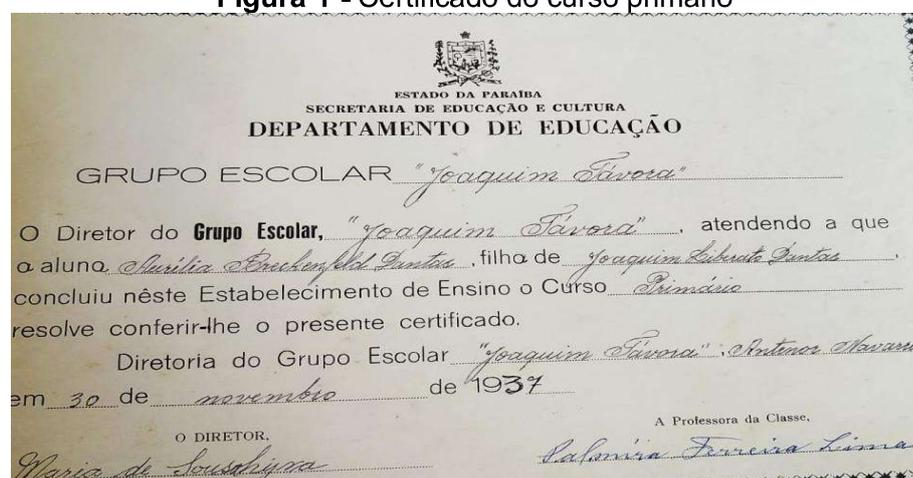
Pelo que se entende as aulas eram ministradas em uma residência, mesmo ela falando que o professor fundou um colégio na cidade, mas ao mesmo tempo ela afirma que nessa época ainda não havia escolas no município.

Além do professor Anésio Leão, ela estudou com José Cândido Dantas. Aurília demonstrava enorme carinho para com o professor. Podemos compreender a partir de sua fala quando vê uma fotografia dele, no momento que concedia entrevista a Rivaldo Amador de Sousa. “Ah! Meu Deus! Só queria ter um retrato desses [...] Eu o considero como um avô. Ele foi criou o meu pai. Eh! Papai Zé Cândido! É outra? [...] É? Ah! Estudei na casa desse velho. Esse velho era bom”.

É perceptível o carinho que ela demonstra pelo fato dele ter sido seu professor e também ter criado o seu pai, considerando-o como seu pai por ter sido seu professor, ora como seu avô.

Depois, estudou no Grupo Escolar Joaquim Távora (atualmente E.E.E.F. Professora Frassinete Bernardo). Escola que atendia o ensino primário, atualmente, Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Na referida instituição, ela concluiu o ensino primário. Podemos comprovar, a partir da imagem de seu certificado de conclusão de curso.

Figura 1 - Certificado do curso primário



Fonte: arquivo pessoal de Paula Estrela
(filha adotiva de Aurília)

O certificado datado em 30 de novembro de 1937, foi assinado pela diretora da época Maria de Sousa Lyra, que segundo o historiador são-joanense Rogério Galvão, foi uma das primeiras funcionárias da escola, e também assinado pela professora Palmira Ferreira Lyra que segundo o autor, posteriormente também foi sua professora.

Sendo assim, a partir da data transcrita no diploma, entende-se que Aurília concluiu o ensino primário aos 17 anos de idade, e que foi uma das primeiras alunas a concluir o curso primário na instituição de ensino, já que segundo Galvão (2011), o grupo Escolar Joaquim Távora, foi a primeira instituição escolar edificada na cidade.

Logo abaixo, tem-se a foto da escola, na época que era denominada de Grupo Escolar Joaquim Távora e também a foto mais recente, na qual a instituição é nomeada de Professora Frassinete Bernardo.

Figura 2- Grupo Escolar Joaquim Távora



Fonte: livro - São João do Rio do Peixe, Nossa Terra, Nossa História (2007)

Figura 3 - E.E.E.F. Professora Frassinete Bernardo



Fonte: arquivo da Escola Professora Frassinete Bernardo

Ainda conforme Galvão, o grupo escolar foi inaugurado em 26 de fevereiro de 1932, por Decreto Estadual nº. 259 na gestão do então prefeito do município, Natércio Maia.

A partir de 1987, o Grupo Escolar Joaquim Távora sofre alterações em sua nomenclatura, e recebe o nome de E.E.E.F. Professora Frassinete Bernardo, de acordo com a Lei Estadual nº 4.968. Galvão (2011).

No mesmo ano de inauguração da escola (1932), na gestão do mesmo prefeito da época, há modificação no nome do município. Como forma de homenagear a memória do Interventor Federal do Estado da Paraíba Antenor Navarro, morto no dia 26 de abril do mesmo ano, em um acidente aéreo no litoral da Bahia. O município perde seu nome de origem: São João do Rio do Peixe e recebe o nome de Antenor Navarro, pelo decreto Municipal nº. 50, confirmado pelo decreto Estadual nº. 284, de 03 de junho deste mesmo ano, apenas em 1989, após 57 anos, o município de Antenor Navarro voltou a denominar-se de São João do Rio do Peixe. Através de uma proposição apresentada na Assembleia Legislativa da Paraíba, pelo Deputado Estadual José Aldemir Meireles de Almeida. Galvão (2011).

No livro São João do Rio do Peixe, Nossa Terra, Nossa História de autoria do escritor são-joanense Edilson Tomaz de Sousa é possível identificar resquícios de reminiscências de Wergniaud Breckenfeld Alexandre, sobrinho de Aurília e aluno egresso do antigo Grupo Escolar Joaquim Távora. Ele relata com carinho os momentos vivenciados com as professoras da escola naquela época.

O Grupo Escolar Joaquim Távora, com destacada atuação dos seus notáveis professores, educando e formando gerações, minhas primeiras lições, recebidas da estimadíssima professora Nadir Nogueira; Chiquinha de Moisés usando sapatos saltos altos de bico fino e o tom avermelhado do seu batom, tocando a sineta de forma intermitente, são paisagens que a sucessão dos anos não conseguia fazer. (ALEXANDRE, In: SOUSA, 2007)

Atualmente, a instituição está em total funcionamento, atendendo a modalidade de ensino voltada para os anos iniciais do ensino fundamental, e é mantida pelo órgão estadual de educação. Em relação a sua estrutura, permanece bem conservada e mantendo sua origem.

Sendo assim, entende-se o quanto a instituição escolar tem contribuído para com a educação da população são-joanense, já que funciona desde os primeiros anos

da década de 30 do século XX e atualmente no século XXI, ainda atende o público estudantil da zona urbana e rural do município.

3.1 Ingresso ao magistério: professora primária

Concluído o ensino primário no Grupo Escolar Joaquim Távora, Aurília ingressa no magistério em 1946, solteira, estado civil que permaneceu até o final de sua vida. Tendo apenas uma filha adotiva. Ela iniciou o trabalho docente através de um curso realizado pelo estado, iniciando sua atuação na zona rural de São João do Rio do Peixe. Ela afirma que:

Eu vim estudar na cidade e frequentar um curso para fazer..., para ser professora. Na época era difícil. Era..., os professores eram difícil, não é? Naquela época. Aí, eu fiz o curso para o Estado, passei. Aí, desde 1947, 46 eu comecei ensinar. Comecei a lecionar no Recreio. Não, primeiro foi no Livramento, depois fui para o Recreio. Ficava lá na casa [...] No Livramento eu ficava na casa de Beto Braga. No Recreio eu ficava na casa de compadre Antônio Martins Moreira [...] escola Particular. Era na sala, nem tinha carteiras, eram bancos. Eram os bancos e as cadeiras. (Aurília Breckenfeld Dantas, 2004).

Segundo Silva (2012 p. 63) “As professoras que concluíam o curso primário completo podiam ensinar nas escolas primárias, e eram chamadas de professoras habilitadas”. Então, Aurília tendo concluído o ensino primário estava hábil a educar as crianças das primeiras séries de ensino.

O magistério seria uma das profissões mais permitidas às mulheres nas primeiras décadas do século XX, já que os homens deixam o exercício da docência e assumem novos cargos, havendo assim a feminização da profissão docente. Sobre isso, Louro diz que:

O magistério se tornará, nesse contexto, uma atividade permitida e, após muitas polêmicas, indicada para as mulheres, na medida em que a própria atividade passa por um processo de ressignificação; ou seja, o magistério será representado de um modo novo na medida em que se feminiza e para que possa, de fato, se feminizar. (LOURO, 2014, p. 99).

Portanto, para as mulheres, o magistério seria a profissão ideal, já que elas eram compreendidas como seres que teriam o dom de cuidar e educar as crianças. Sendo assim, a profissão além de ser considerada feminina, também seria uma

forma de feminizar, ou seja, seria uma maneira de perpetuar a ideia de que as meninas teriam uma educação voltada para os dons do cuidado e do educar e que o magistério seria profissão ideal para elas.

Anteriormente ao magistério, Aurília trabalhou no cartório da cidade de São João, pertencente a José Augusto Dantas, como escrevente compromissada, função que exerceu de 1944 até janeiro de 1946. Portanto, compreende-se que naquela época, seria um avanço para as mulheres, já que o magistério era a profissão mais aceitável pela sociedade.

A partir da fala da professora citada anteriormente, compreende-se a ausência de instituições escolares na Zona Rural do citado município. Além disso, entende-se as dificuldades que ela enfrentou para exercer a docência. Inicialmente, por se distanciar de sua família durante a semana e depois por lecionar em situações precárias, já que as aulas eram ministradas em casas residenciais e não tinham recursos necessários para ministrar as aulas.

Depois, ela foi transferida para o cartório civil e eleitoral, permanecendo durante três meses apenas. Posteriormente, é transferida para o grupo escolar Joaquim Távora, em fevereiro de 1955.

Depois eu fui transferida para o grupo Joaquim Távora. Passei vinte e sete anos no grupo Joaquim Távora. [...] Era eu e outra colega que tinha aqui, Lourdes, Lourdes de Baiá??????? Depois me passaram para a secretaria do colégio..., da escola..., do grupo. Aí, eu fiquei na secretaria; trabalhei com as diretoras. Trabalhei com Rosilda Cartaxo, todo tempo dela... (Aurília Breckenfeld Dantas, 2004).

Nesse sentido, ela retorna à escola que concluiu o curso primário, mas como professora daquela instituição. Ela ensinava mais nas primeiras séries, devido a sua caligrafia ser mais desenvolvida, e todos os anos alfabetizava uma classe de alunos.

ensinava mais o preliminar devido à caligrafia, modesta parte, a caligrafia era mais desenvolvida e nesse tempo eles me botavam para ensinar o preliminar. Aí, todos os anos eu alfabetizava aquela classe que tinha preliminar (risos). (Aurília Breckenfeld Dantas, 2004).

Aurília era reconhecida por ter uma caligrafia bem trabalhada, com letras muito bem feitas e fica entendido que esta, seria apropriada, pois os alunos em fase de alfabetização, compreendiam melhor a escrita e sendo assim, bem mais fácil de alfabetizá-los.

A seguir, temos o diário de classe de Aurília do ano de 1977, que demonstra que ela atuou na 1º série do ensino primário (atualmente, anos iniciais do ensino fundamental).

Figura: 4 - diário de classe

ESTADO DA PARAIBA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DO ENSINO DE 1º GRAU

DIÁRIO DE CLASSE

Grupo Escolar "Joaquim Távora"
Nome do Estabelecimento de ensino

Grau 1º Série 1ª Turma "B" Turno matutino

Professor Aurília Beckenfeld Santos

ANO LETIVO DE 1977

Fonte: arquivo da E.E.E.F. Professora Frassinete Bernardo

¹Em relação a Rosilda Cartaxo, a ilustre historiadora trabalhou como professora no Joaquim Távora no ano de 1942 até 1947. Depois, retorna a São João do Rio do Peixe e assume o cargo de diretora daquela instituição em 1955 e renuncia no mesmo ano. Ela deixa o cargo para assumir a direção de uma escola em João Pessoa.

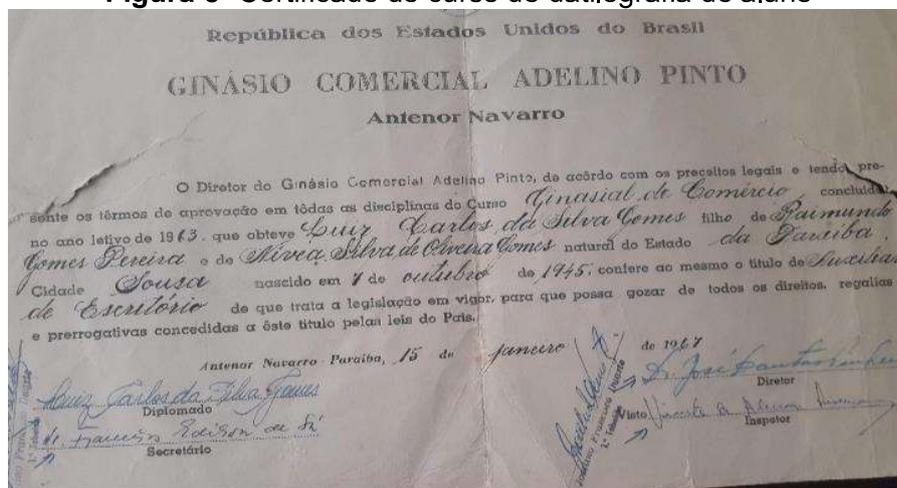
Além de exercer o magistério como professora primária no antigo grupo Escolar Joaquim Távora, Aurília também trabalhava na secretaria do Ginásio Comercial Adelino Pinto, localizado no mesmo município. Ofício que exerceu durante quatro anos. A escola funcionava no mesmo prédio que funcionava a Escola Profissional Odília Leal, ambas foram criadas em 1956, pela Fundação Padre Ibiapina e que atualmente são extintas.

Podemos identificar sua atuação na escola, a partir de vestígios encontrados, a exemplo de um certificado do curso de datilografia de um aluno egresso do Ginásio Comercial Adelino Pinto e que segundo ele, foi preenchido com a caligrafia de Aurília. Além do certificado, temos uma imagem de uma placa com as fotografias dos alunos

¹Ação cultural. Disponível em: <https://www.osebocultural.com/galeria/11,rosildacartaxo/galeria.html/> Acesso em: 20 de outubro > 2020.

concluintes da escola, e os professores, que segundo o aluno foi desenhada por Aurília.

Figura 5 -Certificado do curso de datilografia de aluno



Fonte: arquivo pessoal de Luiz Carlos S. Gomes

Figura 6 - Placa dos concluintes da Escola Profissional Odília Leal



Fonte: arquivo pessoal de Luiz Carlos S. Gomes

A partir da imagem do certificado datado de 15 de janeiro de 1967 é possível identificar a caligrafia de Aurília, no qual fica evidente o capricho que ela tinha na escrita. Confirmando o que ela relatou em entrevista a Rivaldo Amador, mencionado anteriormente neste trabalho. Além de ter uma caligrafia bela e admirada por todos que a conheciam, ela também tinha habilidades manuais, como a confecção da pintura da placa dos concluintes do ano de 1961. Segundo Galvão (2011), essa seria a primeira turma de concluintes da escola. A partir da imagem, é possível identificar que a Escola Odília Leal ofertava cursos de Corte e Costura, Datilografia, e Arte Culinária.

Além de ser funcionária da referida instituição, Aurília também foi aluna da escola Profissional Odília Leal, instituição que funcionava no mesmo prédio que funcionava o Ginásio Comercial Adelino Pinto. É possível confirmar através de seu certificado do curso de datilografia.

Figura 7 - Certificado do curso de datilografia



Fonte: arquivo pessoal de Paula Estrela

O diploma datado de 16 de dezembro de 1962, revela o curso de datilografia realizado na Escola Profissional Professora Odília Leal, localizada na cidade de São João, que na época era denominada de Antenor Navarro. Possivelmente por ter trabalhado como escrevente no cartório do município, ela tenha tido o desejo de aprimorar os conhecimentos datilógrafos e que estes também seriam úteis em sua atuação no magistério.

3.2 Formação docente de Aurília Breckenfeld Dantas

Durante sua trajetória educativa nas escolas do município de São João do Rio do Peixe, Aurília articulava sua atuação de professora com a ampliação de sua formação. Dedicava-se a aquisição de novos saberes, não se contentando apenas com o ensino primário. A partir das oportunidades que lhes eram oferecidas na época, ela estava hábil a aproveitá-las, e construir novos conhecimentos em prol do melhoramento de sua atuação enquanto profissional das instituições do município, que para Nóvoa (1991, p.335) “a formação continuada deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de uma auto formação participativa”.

O autor ainda cita que:

a formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio dos novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, articulados com as práticas educativas. (NÓVOA, 2002 p.64)

Portanto, a formação continuada favorece ao profissional docente a apreensão de saberes necessários à prática em sala de aula e além disso, estimula a reflexão sobre sua atuação. É a forma que o educador tem de se atualizar em meio as mudanças e necessidades surgidas em meio a tantas transformações que se defronta o processo educativo.

A seguir, temos alguns diplomas dos cursos que ela concluiu em sua trajetória de formação.

Figura 8 - Curso de capacitação ao ginasial



Fonte: arquivo pessoal de Paula Estrela

Figura 9 - Diploma de regente do Ensino Primário



Fonte: arquivo pessoal de Paula Estrela

Figura 10 - Diploma do curso do ensino Superior



Fonte: arquivo pessoal de Paula Estrela

A partir da imagem 8, é possível identificar que ela concluiu o curso de capacitação ao ginásial, realizado pelo projeto Minerva.

Segundo Santos (2016), o curso era oferecido pelo Ministério da Educação e transmitido via rádio para todo o Brasil, com o objetivo de capacitar os jovens e adultos no ingresso ao ensino supletivo. Sendo um curso de Educação a Distância que preparava os educandos para o exame de ensino supletivo de 1º e 2º graus.

O autor diz que:

No Brasil eram retomadas a estrutura das escolas radiofônicas que serviria ao Movimento de Educação de Base – MEB, o qual em 1970, veio a ser aproveitado como modelo viável pelo regime militar, suprimindo o MEB e criando o PMR, com ampliação para todo o território nacional e veiculado em todas as rádios transmissoras determinados pela portaria interministerial 408/70. (SANTOS, 2016, p.74).

Santos ainda afirma:

De acordo com a Empresa Brasil de Comunicações – EBC, o PMR foi um programa de rádio criado para educar adultos, capitaneado pelo Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, iniciou sua primeira transmissão no dia 1º de setembro de 1970. O nome Minerva foi dado para fazer homenagem à deusa grega da sabedoria. Os alunos poderiam acessar o curso de três maneiras: Recepção Organizada, Recepção Controlada e Recepção Isolada. Na Recepção organizada, o processo se dava no rádioposto, onde um grupo de alunos se reunia, sob a liderança de um Monitor, para ouvir a transmissão das aulas. Na Recepção controlada, os alunos ouviam as aulas sem presença do Monitor, mas semanalmente ou

quinzenalmente o procurava para tirar as dúvidas. Na Recepção Isolada os alunos ouviam os programas em casa e só iam prestar a prova do exame supletivo para obter certificação de grau de estudo. Nesta modalidade o aluno não tinha contato com o Monitor. (SANTOS, 2016, p. 74).

É possível identificar a partir da figura 9, que no ano de 1973, ela concluiu na cidade de Sousa o curso de formação de professora regente que lhe garantia o direito de atuar nas séries do ensino primário, função que exercia a quais três décadas, já que ingressou no magistério em 1946.

Além destas formações ela concluiu o curso de Atualização Pedagógica, ministrado pelo Projeto Rondon IX, em Antenor Navarro no ano de 1972. Curso supletivo (ginasial), realizado no Colégio Estadual de Cajazeiras, em 1973. Concluiu o 2º ano, na Escola Madre Teresa Machado, de Sousa, onde se diplomou em 1974.

Em 1976 Aurília presta vestibular para o curso de História, é possível identificar a partir da imagem 10, na qual temos o diploma do curso superior de licenciatura em História que ela concluiu em 1980, pela Universidade Estadual da Paraíba na cidade de Cajazeiras.

Aí fui passei. Aí, fiz história. Depois de história eu... Foi em mil novecentos e setenta e seis [1976], parece... Por aí assim. Aí, depois eu fiz especialização em Patos. Passamos três meses, não sabe? Naquela época a especialização era temporária. (Aurília Breckenfeld Dantas, 2004).

Além dos cursos mencionados anteriormente, podemos citar o curso de Psicologia da Adolescência, realizado em Antenor Navarro, em 1984. Encontro de Administradores e Coordenadores Pedagógicos de Escolas Normais, na cidade de Sapé/PB, em 1979. IX Encontro de Administradores e Secretários de Estabelecimento de Ensino Públicos e Particulares de 1º e 2º Graus, em 1980. X Encontro de Administradores e Secretários de Estabelecimentos de Ensino Públicos e Particulares de 1º e 2º, em 1981. XI Encontro de Administradores de Estabelecimentos de Ensino de 1º e 2º Graus, em Patos/PB, no ano de 1983. Seminário sobre Educação e Fraternidade, realizado em Cajazeiras, em 1982.

Em 1979, foi fundada em São João do Rio do Peixe a AUAN (Associação Universitária de Antenor Navarro). Tendo como criador e primeiro presidente o professor e poeta são-joanense Nivaldo Amador. Era uma organização que realizava eventos socioculturais de forma voluntária, e que reunia o público são-joanense.

Aurília como professora comprometida com a aquisição de novos saberes, participava dos eventos realizados na associação. É possível identificar a partir de seu certificado de participação, e uma fotografia na qual, ela aparece como convidada do evento.

Figura 11 - Certificado de participação na I Semana Universitária (AUAN)



Fonte: arquivo pessoal de Paula Estrela

Figura 12 – Foto de participação Abertura da IX Semana Universitária de Antenor Navarro



Fonte: arquivo pessoal de Walquíria Breckenfeld Dantas

Na figura 11 é perceptível observar que o evento foi realizado de 06 a 07 de outubro de 1979, teve como tema a origem e história de Antenor Navarro, e como palestrante a historiadora Rosilda Cartaxo.

Na figura 12, datada de 26 de dezembro de 1987, Aurília é a segunda pessoa da direita para a esquerda, de braços para trás, com postura bem elegante. Ao lado da professora Maria Gonçalves, a primeira da direita para a esquerda e a historiadora Rosilda Cartaxo, onde aparece discursando ao lado do presidente Luíz Carlos Quirino que a auxilia ao segurar o microfone. Ambas participaram como convidadas do evento, provavelmente Aurília também teria discursado naquele momento.

3.3 Dona Aurília, professora do Joaquim Távora e gestora do Colégio Ministro José Américo de Almeida

No grupo escolar Joaquim Távora, Aurília atuou durante vinte e sete anos, como já foi bem citado anteriormente. Durante todo esse tempo, contribuiu com a alfabetização das crianças daquela instituição de ensino.

A colaboradora da pesquisa, que atualmente é professora leiga aposentada, concluiu o ensino primário no antigo Grupo Escolar Joaquim Távora. Ela foi aluna de Aurília no ano de 1955, aos dez anos de idade, e recorda os métodos utilizados pela professora na sala de aula durante o período que estudou no antigo grupo escolar.

Ela escrevia no quadro, passava lição nos livros, nos livrinhos de aritmética e de Matemática, de Geografia, de tudo no mundo, ela ensina. Os livros de primeiro tinha muita coisa. Era só um livro só, tinha as quatro disciplinas. Quatro deveres: Português, Matemática, Aritmética, Estudos Sociais, História. Eu quando saí de lá já sabia de tudo, já sabia ler qualquer livro. Eu escrevia. Minha letra era boa. Eu escrevia tudo, tudo. Sim, fazia algarismo romano. Botava pra fazer números de um a mil. As professoras de primeiro eram carrasças, tinha que decorar tudo e fazer sozinha. (FLOR, 24 de novembro de 2021)

A partir da fala da colaboradora, é perceptível que o método utilizado por Aurília era tradicional. De fato, os métodos utilizados pelos professores naquela época, primeiras décadas do século XX seriam aceitáveis. Além disso, ela diz que as antigas professoras eram carrasças, levando ao entendimento de que Aurília também seria uma professora exigente, rígida para com seus alunos. Mas, logo adiante em sua fala, fica entendido que o termo carrasca, seria porque os alunos teriam que memorizar os conteúdos e fazer as atividades sem o auxílio da professora.

Ainda sobre os métodos de ensino de Aurília, a colaboradora relata que:

nós ali, ensinava as respostas pra dá no caderno, né? O menino podia até pescar no livro e fazer. Lá não, era pra botar o livro em cima da mesa e ir lá pra carteira, responder tudinho. Se chamava aritmética nesse tempo. Era um dever pra responder sem olhar em nada. Por isso, naquela época o menino no quarto ano já sabia de tudo. (FLOR, 24 de novembro de 2021)

Ela refere-se a época que atuou como professora no grupo escolar que funcionava bem próximo a sua casa e que hoje está fechado. Ela fala como eram realizadas as atividades em sala de aula na época que atuou como docente, e compara com as elaboradas no Grupo Escolar Joaquim Távora. E ainda argumenta que o método tradicional facilitaria o aprendizado das crianças, já que afirma que a criança no quarto ano já sabia de tudo.

Como mulher religiosa, que seguia a doutrina católica, Aurília repassava aos educandos os princípios religiosos.

Ela incentivava os alunos a ir à igreja. [...] Elas levavam a gente pra igreja, tinha o maior cuidado, [...] Todos os dias tínhamos que rezar: o pai nosso, Ave Maria, Santa Maria. Quando a gente foi fazer a primeira comunhão elas ajeitaram pra fazer. Teve que aprender, mas eu já sabia. Mãe me ensinava todos os dias. Ela ensinava a reza na sexta-feira. Eu comprei uma roupa branca, comprei vestido todo enfeitadinho. Eu tinha uma foto. Será que não tenho mais? Tinha até numa cadeirinha que tinha lá em casa. Numa cadeirinha de couro. Aí eu tirei de joelho. Nessa época era muito difícil tirar foto. (FLOR, 24 de novembro de 2021)

A partir da fala da colaboradora é perceptível o cuidado que a professora Aurília tinha em transmitir aos alunos os princípios religiosos e que estes, seguissem a doutrina da fé católica.

No momento de realização da entrevista, a colaboradora recorda com emoção os momentos vivenciados na época que foi aluna de Aurília, e tenta encontrar sua fotografia da primeira comunhão para mostrar a pesquisadora, mas não teve êxito.

Ela ainda diz que:

[...] tinha o sete de setembro. Marchava na rua. Tinha que mandar pintar a saia de azul. Aí a gente ia andar no meio da rua, até dez horas do dia. Ela ia na frente com a gente. Tinha o maior cuidado com a gente. Os professores de antigamente eram bem diferentes, tinham muita consideração com a gente. Ela tratava a gente como filhos. Ela só não era uma santa. (FLOR, 24 de novembro de 2021)

De fato, as professoras primárias do século XX eram consideradas segundas mães dos educandos, tinham todo o cuidado de educar e instruir as crianças de acordo com as normas exigidas na época. Sobre isso, Louro 2004 aponta que:

O magistério era visto como uma extensão da maternidade, o destino primordial da mulher. Cada aluno ou aluna era representado como um filho ou filha espiritual e a docência como uma atividade de amor e doação [...] (LOURO, 2004, p. 451)

Portanto, exercer a docência para as mulheres nessa época, seria praticar também a função de segunda mãe, a professora seria ideal para continuar os ensinamentos da família, cuidando e instruindo as crianças. “Para tanto, seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreria aquelas que tivessem vocação”. (LOURO, 2004, p. 450). Educar seria um dom vocacional, ou seja, as mulheres teriam os atributos necessários, já que eram consideradas seres divinos por terem o privilégio de ser mães, e isso ajudaria no processo de educar as crianças.

A colaboradora recorda os aconselhamentos deixados pela professora:

Ela dava muitos conselhos, para respeitar os mais velhos, os pais, as pessoas de idade. Ir à igreja, respeitar o padre. Mandava dá a bênção ao padre. Ela incentivava as crianças sempre a fazer aquilo que é bom. A estudar. Dona Aurília era uma mulher muito educada, muito religiosa. Ela sempre incentivava os alunos a estudar, ler. Quando terminar a escola vocês têm que estudarem em outra cidade. Mandem seus pais ajeitarem pra vocês estudarem em outra cidade. Mas eu dizia: não, dona Aurília, mas minha mãe não tem condições. Vou ficar no que eu estou mesmo. (FLOR, 24 de novembro de 2021)

É notável, a preocupação que Aurília tinha com a formação moral dos educandos, incentivando-os a seguirem os princípios religiosos. Mediante a esse comportamento dos professores da época, Louro destaca:

A profissão mantinha, de muitos modos, laços com suas origens religiosas. [...]. Ao se subordinarem à autoridade do Estado, tanto os docentes quanto as docentes continuaram a serem tratados de um modo especial, como uma espécie de “clérigos-leigos” [...] (LOURO, 2004, p. 462)

Neste sentido, professores e professoras atuavam também como sacerdotes, já que desde o início da escolarização brasileira, a educação foi realizada pelos jesuítas, sacerdotes que catequizavam e alfabetizavam a população. Ainda sobre isso, Louro ainda diz:

Com a “feminização do magistério, as assim, chamadas “características naturais femininas” são articuladas as tradições religiosas da atividade docente, dando-lhes uma outra conformação. A professora é consagrada mãe espiritual. (LOURO, 2004, p. 463)

Além dos ensinamentos espirituais, fica evidente a partir da fala da colaboradora, que Aurília era uma professora que não apenas transmitia conteúdos, mas em sua atuação como professora, repassava orientações que os levassem a refletir, no sentido de que, continuassem os estudos em outros centros urbanos que oportunizasse melhores condições, já que na época, não havia muitas oportunidades no município de São João do Rio do Peixe. Ela preocupava-se que o alunado tivessem uma futura formação. Nesse sentido, fica evidente a importância que ela atribuía à educação.

Além de colaborar com suas práticas docentes no antigo Grupo Escolar Joaquim Távora, na secretaria do Ginásio Comercial Adelino Pinto e na Fundação Educar (antigo mobral). A educadora Aurília também deixou sua contribuição educativa no Colégio Ministro José Américo de Almeida.

A partir do dia 28 de junho de 1979 assume a direção da referida escola, de acordo com a portaria de 21 de dezembro de 1979.

Ela foi nomeada pelo Diretor Presidente da Fundação Padre Ibiapina. No colégio Ministro, exerceu a função de gestora durante seis anos. “Aí, pronto, encerrei. Depois deixei de ensinar. Sim! Depois fui dirigir o colégio. Colégio Ministro José Américo de Almeida. Dirigi seis anos”. (Aurília Breckenfeld Dantas 2004).

O Colégio Ministro José Américo de Almeida foi criado no dia 15 de agosto de 1973. Funcionava no prédio que atualmente funciona a secretaria de educação, na rua Jacob Guilherme Frantz. Era uma instituição de formação profissional, oferecendo aos são-joanenses o ensino fundamental e o curso Normal/Pedagógico, e era mantido pela fundação Padre Ibiapina. A partir de 1982 a instituição de ensino passa a funcionar em outro prédio, situado próximo ao cemitério na Rua Vidal de Negreiros. (Galvão, 2011)

Atualmente, a instituição é denominada de Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ministro José Américo de Almeida e oferta os anos finais do ensino fundamental, ensino médio e a modalidade de Jovens e adultos. Sendo extinto o curso normal desde o ano de 2019, diferentemente da atualidade, que o ensino é

ofertado gratuitamente à população são-joanense, no início de sua fundação a escola funcionava de forma particular.

A escola Ministro iniciou o atendimento particular. Logo quando começou era particular, pagava uma taxa, né. [...] Então, quando Buriti assumiu a secretaria de educação no governo de Wilsom Braga em 84 e 85. Então Zé Dantas era político aqui de São João. Era líder político. Zé Dantas conseguiu com Buriti isentar o aluno. O pessoal eram filhos de agricultores. Sempre lamentavam e diziam: são filhos de pequenos agricultores, não têm condições de pagar mensalidades não tem transportes. Aí Zé Dantas conseguiu com Buriti a escola receber os professores e funcionários e dispensavam a mensalidade. O dinheiro das mensalidades era destinado a limpeza da escola. Porque a fundação não dava. (LÉO, 24 de novembro de 2021)

No colégio Ministro, Aurília desenvolveu com dedicação e comprometimento a função de gestora. Durante sua trajetória naquela instituição colaborou com o melhoramento da escola e o processo educativo dos educandos.

De início, a escola funcionava de forma privada. Os pais pagavam mensalidades para que seus filhos estudassem. Era mantida pela fundação Padre Ibiapina, mas os recursos eram mínimos, não dava para manter a escola e o pagamento dos funcionários. “Ela lutou para que a escola não cobrasse mensalidades dos alunos”. (LÉO, 24 de novembro de 2021). Além disso, criou a biblioteca escolar.

O nome da biblioteca antigamente era Rui Barbosa, atualmente é denominada de Aurília Breckenfeld Dantas. Quem criou a biblioteca foi Aurília juntamente com dona Maria Gonçalves [...]. Não tinha biblioteca na escola. Quando a escola saiu daqui que hoje é a secretaria de educação lá teve um espaço aí tinha uns livros lá. Foi criado o centro cívico, o membro do centro cívico, aí ela deu uma parte da biblioteca pra o centro cívico tomar de conta, organizar, era coberta com um tecido azul as estantes [...] Aurília botou uma pessoa pra ficar à disposição da biblioteca, um servidor. [...] . (LÉO, 24 de novembro de 2021)

Durante sua atuação na gestão da escola, Aurília gostava de organizar as festas comemorativas com muito empenho e dedicação.

Ela gostava de falar em festa de aniversário, festa de dia das mães, dia dos pais, fazia sempre festas na escola. Ela tinha sempre muita dedicação, convidava os pais, comunidade, autoridades. Ela tinha toda dedicação com as festas de colação de grau, era a melhor festa. No dia das mães era lindo as festas. Ela discursava, agradecia, que mãe era tudo na vida, mostrava ao aluno como era a criança, o ser humano, a convivência. Dizia a realidade da escola aos pais. [...] Os

alunos demonstravam muito carinho e respeito por ela. (LÉO, 24 de novembro de 2021)

Dona Aurília, como assim era chamada era considerada pelo colaborador uma diretora rígida.

Todo diretor é rígido, né. Na hora que ele disser eu quero isto, tem que tá tudo ali. Se não tiver ele diz logo. Diz um monte de coisa. Então, a gente faz logo alegre e satisfeito. Ela era rígida no sentido de colocar as coisas em ordem. Principalmente a documentação, porque a documentação. Quando a secretaria, naquele tempo que era a fundação Padre Ibiapina [...] (LÉO, 24 de novembro de 2021)

A partir da fala do colaborador é possível entender que ele considerava a gestora Aurília rígida, no sentido de que ela desejava que a escola deveria estar em ordem, ou seja, ela era dedicada com a organização da escola e queria que os funcionários cumprissem suas determinadas funções.

Exigia que os professores fossem pontuais, cumprissem seus horários, e chegassem na sala de aula com antecedência para rever os conteúdos que seriam ministrados nas aulas.

Dona Aurília? Ela era uma mulher muito exigente. Ela gostava das coisas tudo organizadas as coisas dela. [...] Olhe, os professores deveriam entrar na sala de aula quinze minutos antes de iniciar a aula, lendo, olhando o que vai passar para os alunos [...]. Ela sempre exigia isso. Ela chegava muito cedo na escola, era muito pontual, e os funcionários tinham que ser mais pontuais ainda. (LÉO, 24 de novembro de 2021)

Em relação ao alunado, era uma gestora que tinha toda dedicação e preocupação com a aprendizagem dos mesmos.

Ela exigia dos professores, era muito exigente. Queria que os professores melhorassem o método de trabalho, a metodologia. Botassem as crianças para se desenvolver, ensinasse, pegasse na mão pra eles desenvolverem. Ela demonstrava toda uma preocupação com as crianças. [...] Ela sempre ensinava aos alunos a se expressar. (LÉO, 24 de novembro de 2021)

Além da dedicação em relação a aquisição da aprendizagem dos educandos, ela estava sempre preocupada com a organização e as normas da escola.

[...] Falava sobre as normas da escola que era assim, assim. Principalmente sobre as vestimentas. Naquele tempo a saia era abaixo do joelho. Quem não tivesse não entrava na escola. Era

medido. Ela media logo na entrada. Tinha Heloísa que era danada. Heloísa chegava lá dentro puxava a saia, aí ela mandava chamar Heloísa lá na diretoria. Todo fardamento era igual. Os meninos usavam calça comprida, camisa branca com o símbolo da escola. As meninas eram saia pinçada, camisa, sapato e meia. (LÉO, 24 de novembro de 2021)

Na fotografia a seguir, temos a gestora Aurília, juntamente com as alunas normalistas em uma comemoração de aniversário no Colégio Ministro.

Figura 13 – Festa de aniversário no Colégio Ministro José Américo de Almeida



Fonte: <https://www.umolharsobresaojoao.blogspot.com>

Na fotografia, da direita para a esquerda Aurília é a quinta pessoa. Com uma postura firme, com braços para trás. Aparece juntamente com alunas normalistas, professoras e o professor que é o aniversariante.

Como gestora daquela instituição de ensino, tinha toda dedicação e apoio para com o coral estudantil São-joanense. Fundado pelo maestro José Renato da Nóbrega em 21 de fevereiro de 1980.

[...] Natinho que era professor de Artes da Escola e Doutor João de Deus Quirino quem incentivou e muita gente participou do coral. Eram alunos da escola. Ela incentivava. Tinha os dias dos ensaios do coral. As vezes era na escola, no Navarrese Clube, na Igreja. Eles participavam de eventos e ela sempre apoiando. (LÉO, 24 de novembro de 2021)

A seguir, temos a fotografia do coral estudantil.

Figura 14 - Coral Estudantil São-joanense

Fonte: Livro - Datas e Notas (2011)

Na figura 14, é possível reconhecer que o coral se apresenta à frente da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário localizada no município de São João do Rio do Peixe. Aurília apresenta-se a frente dos coristas, com vestimentas brancas, sempre com uma postura de mulher elegante, firme, com mãos erguidas para trás do corpo.

Como gestora daquela instituição de ensino ela tinha toda uma dedicação com a escola e mantinha a organização da instituição.

O colaborador recorda que no período que ela atuou como gestora, ela organizou todos os documentos relacionados a escola. “Dona Aurília escreveu todos à mão, todos os documentos da escola. Da criação até a data da fundação, quando a escola começou a funcionar. A instituição que comandava. Tudo, Tudo da escola”. (LÉO, 24 de novembro de 2021)

Ele recorda com tristeza e lamentação o fato da não identificação dos documentos referentes a história da escola, tanto os manuscritos como os digitalizados.

Se eu soubesse que ia acontecer isso, eu tinha passado pro meu pen-drive. Eu confiando, né? A gente confia nas pessoas. Nem o livro do cep tinha mais. Que contava a história todinha da escola, desde o começo. Desperdício. [...] Nem o livro de diplomas eu encontrei. (LÉO, 24 de novembro de 2021)

Ainda diz que: “É assim mesmo, a gente atua, outras pessoas vão chegando não entende”. (LÉO, 24 de novembro de 2021) Ele refere-se a conversas que teve com a ex-gestora da escola que atuou posteriormente a Aurília, sobre a não identificação da documentação daquela instituição escolar.

Em relação a preservação dos documentos, Merlo e Konrad destacam que:

O registro da história e da memória humana se dá, atualmente e em grande parte, por meio dos documentos gerados pelas atividades desenvolvidas por determinada organização, pessoa ou família. Esses registros, postos de maneira orgânica, passam a ser rica fonte de informação. Porém, para que constituam uma pesquisa histórica, é preciso que estejam acessíveis, a qualquer tempo, aos interessados, sejam pesquisadores ou a sociedade em geral. (MERLO; KONRAD, 2015, p.27)

Portanto, entende-se a importância da preservação dos documentos, pois são de grande relevância para a comunidade e pesquisadores, pois retrata a história da instituição constituída em uma determinada época, sendo uma fonte de grande valia para a preservação da memória da história da educação.

Em comemoração aos 40 anos de fundação do Colégio Ministro, é organizado um desfile, e Aurília Breckenfeld Dantas é homenageada, como reconhecimento de suas contribuições educativas naquela instituição de ensino.

A educadora é convidada a participar do desfile, mas já com sua saúde frágil, ela não aceita o convite. Então, após o término, ela recebe as visitas da gestora da escola Ministro, Leila, e a professora Frassinete Amador.

A seguir, temos um registro da visita das educadoras à residência de Aurília.

Figura 15 – Registro de visita das educadoras Leila e Frassinete Amador à residência de Aurília



Fonte: colaborador da pesquisa

No ano de 2019, a biblioteca da Escola Ministro, que anteriormente era denominada de Rui Barbosa, passa a ser chamada de Biblioteca Escolar Aurília Breckenfeld Dantas.

Logo mais, temos as fotografias da escola e da biblioteca.

Figura 16 - E.E.E.F.M. Ministro José Américo de Almeida



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 17 - Biblioteca Escolar Aurília Breckenfeld Dantas



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

No mesmo ano é edificada na sede do município de São João do Rio do Peixe a escola de Educação Infantil, e a gestão municipal da época elabora o projeto de lei

que autoriza o nome da instituição como Escola Municipal de Educação Infantil Professora Aurília Breckenfeld Dantas.

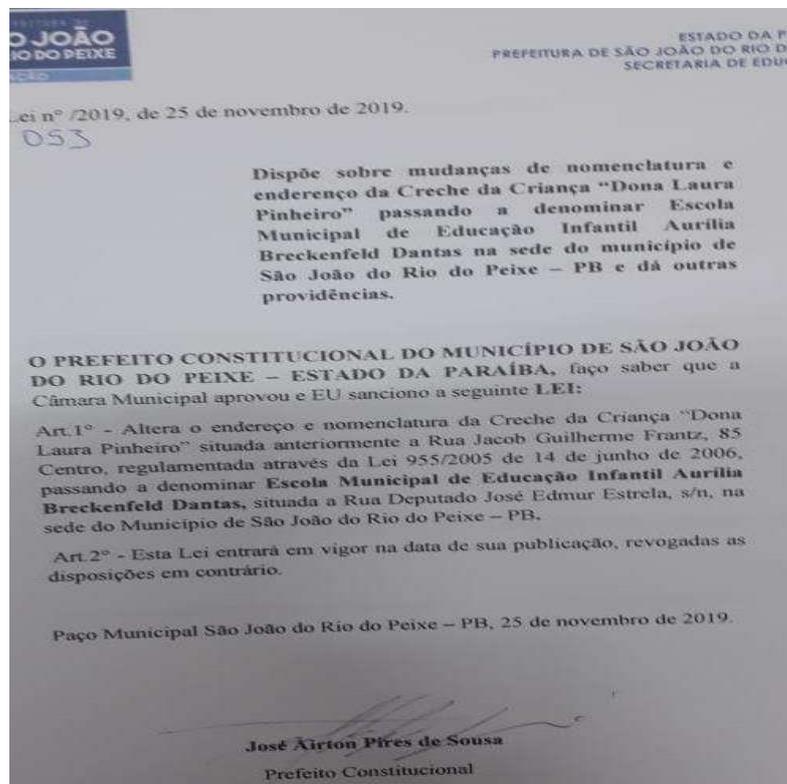
Logo mais, temos a fotografia da escola que Aurília é Patronesse e a imagem do projeto de lei que autoriza o funcionamento da instituição escolar.

Figura 18 - E.M.E.I. Prof.^a Aurília Breckenfeld Dantas



Fonte: <https://www.google.com/imgres?imgurl=https://paraiba.pb.gov.br/noticias>.

Figura 19 - Projeto de Lei de criação da E.M.E.I. Prof.^a Aurília Breckenfeld Dantas



Fonte: arquivo da E.M.E.I. Prof.^a Aurília Breckenfeld Dantas

A iniciativa de nomear a biblioteca da Escola Ministro José Américo de Almeida e a Escola Infantil com o nome da professora Aurília, é uma forma de reconhecimento histórico e permanência da memória, evitando o esquecimento da dedicação de décadas da professora à educação do município de São João do Rio do Peixe.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado através da história oral objetivou a obtenção de detalhes da história de vida de Aurília Breckenfeld Dantas, oferecendo a oportunidade de escrever a história da educação de São João do Rio do Peixe-PB, uma vez que, inserida no seu tempo, a educadora contribuiu significativamente no campo educacional e social.

Aurília Breckenfeld Dantas, dedicou décadas de sua vida a educação são-joanense, haja vista que iniciou sua atuação docente no município em meados dos anos 40 e finaliza na década de 80 do século XX. Atuou no Antigo Grupo Escolar Joaquim Távora, Escola Adelino Pinto, Fundação Educar e Colégio Ministro José Américo de Almeida.

Durante sua trajetória educacional, ela articulava o exercício da docência com a ampliação de sua formação, ascendeu de nível primário, condição que ingressou no magistério, à Pós-graduada, estado que muitas professoras da época provavelmente permaneceram. Ela foi uma educadora comprometida com sua formação. Articulando ao magistério, construiu sua trajetória formativa, se dispondo em aprimorar seus saberes, e por conseguinte, favorecer uma melhor contribuição ao processo de ensino e aprendizagem dos educandos e que também subsidiassem sua atuação como gestora escolar.

Através de suas práticas docentes engajou-se na construção de valores, e a formação do alunado, que se reflete positivamente na sociedade. No colégio Ministro José Américo de Almeida, desenvolveu com dedicação a função de gestora, colaborou significativamente, tanto na melhoria da instituição como no processo de aprendizado dos educandos.

Acreditamos que alcançamos o objetivo do estudo, sendo possível descrever sua trajetória de atuação na educação são-joanense e analisar como eram desenvolvidas suas práticas educativas na docência e gestão das escolas que atuou. No caso, o antigo grupo escolar Joaquim Távora e o Colégio Ministro José Américo de Almeida. Além do mais, foi possível compreender o papel das professoras primárias do século XX. O educar e instruir as crianças conforme os padrões religiosos, e o exercício de segunda mãe eram funções das educadoras desta modalidade de ensino.

Durante o processo de investigação, notou-se que as fontes documentais da memória de atuação da educadora são escassas. Não há o cuidado necessário em relação aos arquivos das instituições que ela atuou. Na Escola Professora Frassinete Bernardo, antigo Grupo Escolar Joaquim Távora, escola que ela atuou durante 27 anos, decorreu apenas na identificação de um diário de classe. Na Escola Ministro José Américo de Almeida foi possível identificar algumas fontes a exemplo de: diplomas de normalistas assinados pela educadora, atas, e transferências de alunos egressos da escola.

Além do mais, na escola Ministro, a biblioteca contém o nome da educadora, mas lamentamos que a documentação da história daquela instituição, escrita por Aurília, não tenha sido identificada. Sabe-se que se constitui como uma fonte de grande importância para a história da educação são-joanense e de imensa valia para os pesquisadores nesse campo de estudo, área que necessita de exploração no município.

A preservação dos arquivos escolares são fontes riquíssimas de grande relevância para a compreensão de inúmeras temáticas no campo de História da Educação, através dos registros preservados é possível a (re) construção do passado educacional.

Pesquisar as contribuições educativas de Aurília Breckenfeld Dantas, para a educação de São João do Rio do Peixe favoreceu a visibilidade a uma mulher educadora nunca antes pesquisada, contribuindo assim, com a historiografia local. No sentido de que, são raros os estudos que contemplem práticas educativas de educadoras são-joanenses do século XX.

Pela história de vida da professora Aurília Breckenfeld Dantas percebe-se, que através da memória é possível tecer o encontro entre o passado e o presente, resgatar assim, a voz da professora é, pois, enxergar que a (re) escrita dessas histórias comuns, permite o conhecimento da existência de momentos significativos que contribuíram para a construção da educação de São João do Rio do Peixe-PB.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. S. de. **Mulher e educação a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1988. – PRISMAS
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- BRASIL. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Delegação de Competência. Diário Oficial da União: Seção 1, p. 44-46, 24 maio de 2016.
- DEL PRIORE, M. **Histórias e conversas de mulher**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- GALVÃO, R. C. R. **São João do Rio do Peixe Datas e Notas**. Gráfica e Editora Halley S. A, 2011.
- LOPES, E. M.T.; GALVÃO, A. M. de. O. **História da Educação** – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. -São Paulo: Contexto. 2004.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**/Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LÜDKE, H. A.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MERLO, F. Laucia; KONRA, de. V. R. **Documento, História e Memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação**. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 20, n. 1, p. 26 - 42, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao/>. Acesso em: 06 mar. 2022.
- MONTEIRO, I. A.; GATI, H. H. **A mulher na história da educação brasileira: Entraves e avanços de uma época**. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL” 9., 2012, João Pessoa. Anais [...]. <https://scholar.google.com/scholar>. *Google Acadêmico*. Acesso em: 20 jun. 2021.
- NÓVOA, A. Os professores: em busca de uma autonomia perdida? *In*: **Ciências da Educação em Portugal - situação actual e perspectiva**. Porto: SPCE, 1991.
- NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Educa Lisboa 2002.

OLIVEIRA, C. M. **A história da mulher no magistério no século XX: Vocação e representação.** *In*: CONEDU, 4.; 2017 EIXO 1. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar>. Acesso em: 15 jun. 2021.

PERROT, M. **As Mulheres ou os silêncios da história.** Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, S. P.: EDUSC, 2005.

PERROT, M. **Minha história das mulheres/** Michelle Perrot [tradução Angela M.S.Côrrea]. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, J. C. **Eu cresço com o Minerva e o Brasil também. O Projeto Minerva pela Radiobrás: a experiência em Sergipe (Brasil-1970/1985).** 2016. Tese Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Rio Grande do Sul, 2016.

SILVA, E. de M. **O ensino no Grupo Escolar Vidal de Negreiros (GEVN) nas décadas de 1940 a 1960.** 2012. 138f. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, Bahia, 2012.

SOUSA, E. T. de. **São João do Rio do Peixe, Nossa Terra, Nossa História. Cajazeiras:** Gráfica e fotolito Ideal, 2007.

TEDESCHI, L. A. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica.** Editora UFGD, 2012.

APÊNDICES



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM ALUNO EGRESSO DE AURÍLIA BRECKENFELD DANTAS

Identificação:

Sexo:

Idade:

Formação:

- Graduação:
- Especialização:
- Outros:

1 - Como eram organizadas as aulas da professora Aurília?

2 - Quais os métodos que ela utilizava para desenvolver as aulas?

3 - Ela era uma professora rígida?

4- O ensino que ela ministrava era voltado às crenças religiosas?

5 - Qual o maior aprendizado que ela proporcionou a você?

6 - Quais as lembranças dos ensinamentos ficaram marcados em sua memória daquela época?

7- Há algo a mais que queira falar?



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM UM COLEGA DE PROFISSÃO DE AURÍLIA BRECKENFELD DANTAS (ÉPOCA QUE FOI GESTORA DO COLÉGIO MINISTRO JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA)

Identificação:

Sexo:

Idade:

Formação:

- Graduação:
- Especialização:
- Outros:

1 - Fale como era a atuação de Aurília. Como eram desenvolvidas suas práticas na escola?

2 - Aurília era uma profissional rígida?

3 - Quais ações ela desenvolveu em prol do desenvolvimento e aprimoramento de ensino e aprendizagem dos educandos?

4 - Qual o maior aprendizado que ela proporcionou a você?

5 - Há algo a mais que queira falar?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo que tem por título provisório: **TECENDO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS**: contribuições educativas de Aurília Breckenfeld Dantas para a educação são-joanense.

Tendo como pesquisadora: Dagmar Alaíde de Lira Ferreira. Vinculada a Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, Centro de Formação de Professores-CFP, Unidade Acadêmica de Educação-UAE.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral investigar **as contribuições da educadora Aurília Breckenfeld Dantas para a educação de São João do Rio do Peixe-PB**.

Teve como objetivos específicos: discutir o processo de lutas e conquistas das mulheres ao longo da história; descrever a memória da trajetória educativa de Aurília Breckenfeld Dantas e analisar como eram desenvolvidas suas práticas educativas na docência e gestão das escolas que atuou.

A pesquisa se faz necessária por contribuir com a historiografia local, e ampliação do conhecimento na área de história da educação, podendo contribuir para estudos posteriores.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: assinar o TCLE e participar de uma **entrevista semiestruturada**. Os riscos envolvidos com sua participação será: **tomar o seu tempo ao responder a entrevista**. Os benefícios da pesquisa serão: contribuir com a historiografia local, e ampliação de estudos em história da educação no Município e contribuir com a formação do pesquisador.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano

comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Dagmar Alaíde de Lira Ferreira, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Profa. Ma. Rozilene Lopes de Sousa

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço Profissional: Rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares-Cajazeiras-PB

Horário disponível:

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA

Assinatura ou impressão datiloscópica
do voluntário ou responsável legal

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo